

Entrevista com a escritora Maria Teresa Horta

- 1- Na sua opinião existe uma escrita feminina? (Se sim) Quais seriam as características desta escrita?

Há anos venho lutando neste país por se reconhecer que existe uma escrita feminina. Aliás, não é nada de original, já a Virgínia Woolf dizia isso, no princípio do século XX. Eu assumo-me como uma escritora feminina. Existe, sim, uma escrita feminina e uma masculina. Não estou a dizer que a escrita feminina é melhor ou pior que a escrita masculina. Há autores bons e maus, como autoras boas e más. Aquilo que eu digo é que desde a escolha do tema, até à forma de observação, à escolha do próprio ritmo, quer do poema, quer da ficção, é completamente diferente do homem. É preciso lembrar que a escrita feminina muitas vezes é minimizante, porque durante séculos as mulheres tiveram a escrita masculina como modelo a seguir e sempre foram muito limitadas para o ato da escrita. Por isso, séculos atrás, é comum encontrarmos mulheres que escreviam sob o pseudónimo de autores masculinos, porque não tinham acesso aos editores, por isso os textos dessas mulheres passavam de “boca a boca”, passavam também de “mão em mão”, através de manuscritos. Por exemplo, a Marquesa de Alorna nunca publicou nada, mas era uma das escritoras mais conhecidas do nosso país. Os seus textos eram escritos à mão: copiavam-nos e assim eram distribuídos – desta forma ela ficou conhecida no século XVIII. Ou seja, as pegadas que essas mulheres deixam é a própria escrita. Porque, na realidade, você pode dizer: o que é feminino? É feminino como? O que é uma mulher hoje, nós sabemos? Intelectualmente as mulheres foram “atadas aos pés da mesa”: não lhes eram permitido entrar nas faculdades, não lhes eram permitido aprender a ler, não havia escolas para raparigas. Isto aconteceu em Portugal até o século XVIII. Na realidade, seja genético, ou seja fruto de uma educação, as mulheres têm uma maior atenção ao pormenor, uma maior atenção à língua, porque a ensinam às crianças. A passagem da língua é feita pelas mulheres que educam as crianças, e quando as pessoas escrevem têm em mente essa passagem da infância, por isso eu me reporto às mulheres da minha infância. Portanto, desde o tratamento do tema, até ao tratamento da linguagem, a mulher é habituada desde pequena a reparar nos outros, a reparar nas coisas, a não ser amada e a amar, a não ser reconhecida, mas a reconhecer; e isso dá uma visão completamente diversa do mundo. Portanto, quando a mulher escreve, assim

Maria Teresa Horta

o faz com tudo que tem dentro de si: o corpo, o contato com a vida e com a morte, a sua visão de mundo, a sua emoção.

- 2- Acha que seria privilégio das mulheres, ou existiria uma escrita feminina em textos escritos por homens? (Se sim) Que autores teriam uma escrita feminina?

Se você disser que há uma escrita masculina muito feminina, ou mais feminilizante, eu estou de acordo consigo. Há uma diferença abissal entre a escrita masculina e a escrita feminina. Os homens mais modernos têm às vezes uma escrita mais feminina. Apesar de gostar da diferença para poder entender o que os homens pensam, eu não gosto nada quando mulheres imitam a escrita dos homens. A questão de interiorizar o corpo da mãe é algo que busco. Eu acho que esse jogo do corpo da mãe tinha o Proust e aí a sua escrita acaba por ser uma escrita feminilizante, isso é tão complexo no Proust que é fascinante. Uma escrita que é totalmente masculina é a do Mário de Carvalho, pois há nele tão grande posicionamento de diferença masculina, mas não estou a dizer que isso é machismo, poderia citar como uma escrita sexista os textos do Henry Miller. A Virgínia Woolf tem uma escrita feminina, ela vai à procura do corpo da mãe, ela vai à procura das mulheres nos seus livros. Já a Simone de Beauvoir, tirando a última fase de sua obra, tem uma escrita masculina. Aliás, já na obra *O Sangue dos Outros*, a Simone é de uma dureza, de crueldade feminina – eu acho que a mulher é mais cruel do que o homem – e a Simone de Beauvoir é a crueldade feminina em pessoa. Quando ela escreve aquele livro que fala longamente de Portugal, *Os mandarins*, aí sim ela é extremamente feminilizante. Fernando Pessoa, por exemplo, é uma escrita masculina e misógina, eu desse tipo de escrita não gosto, não suporto. Não estou a dizer que ele é um mau poeta, mas eu não gosto do Fernando Pessoa.

- 3- Nuno Catarino Cardoso publica, em 1917, uma antologia intitulada *Poetisas Portuguesas* e cita 106 autoras. Porém, atualmente, notamos uma gama maior de obras publicadas em prosa do que poéticas, feitas por mulheres; quais os fatores a que você atribui tal fenómeno?

Eu já várias vezes pensei porque há menos mulheres ligadas à poesia. É uma coisa que me preocupa, na medida em que eu acho os poetas são os alquimistas do futuro, e aquilo

Maria T. Horta

que os alquimistas transformam em ouro, os poetas transformam em sonho. Na minha opinião, enquanto houver poetas no mundo, enquanto houver pessoas que ouvem e lêem poesia, há esperança no mundo, e fico muito preocupada por haver cada vez menos mulheres na poesia, quando dantes havia muitas. Eu considero que a mulher tem uma vida tão dura que tem que ter muito mais os pés no chão do que o próprio homem. Eu pergunto se as mulheres têm tanta disponibilidade dentro de si que possam poder dar ao luxo de poder voar; será? O problema das mulheres hoje em dia é poder conciliar muitas tarefas e uma determinada evolução de igualdade, mas o homem não evoluiu nesse ponto, e quando chega a casa a mulher tem todas as mesmas tarefas do que dantes, e como o homem não evoluiu da mesma forma, o homem quer ficar com os mesmos privilégios. As mulheres e os homens hoje em dia têm mais espaço para escrever ficção, já que a ficção não leva uma pessoa a voar, não é a mesma coisa. Eu, na minha *Leonor*, vooi todo o tempo: quem está ali é uma poetisa, um livro de mulher. Nenhum homem escreveria *As Luzes de Leonor*, garanto-lhe, nenhum homem faria “partos literários”, como, por exemplo, eu fiz doze partos nesse livro. Eu faço todo o parto da Leonor e com ela invocando e chegando até à escrita, ao Orfeu e à Eurídice que eu construo num dos seus partos. Isso só pode fazer uma mulher, uma poetisa, porque é preciso ter “asas” para voar, é a única maneira de se chegar às estrelas, é através dos poetas - essa é minha opinião. É preciso uma pessoa despegar-se de si própria. E por que há menos mulheres poetisas no mundo ocidental? Às vezes pergunto-me isso e não encontro as respostas. Há cada vez mais mulheres fazendo prosa - e prosa de muita qualidade.

Autorizo a transcrição e a publicação desta entrevista, concedida ao Mestre Fabio Mario da Silva a 18 de Agosto de 2011, no âmbito do trabalho de preparação da sua tese de Doutoramento em Literatura, bem como a utilização do seu conteúdo, para publicação em artigos científicos.

Lisboa, 18 de Agosto de 2011,

Maria Teresa Horta

